

A paranoia liberal contra o BNDES

Análise de políticas públicas requer mais racionalidade e transparência

André Roncaglia

Professor de economia da Unifesp e doutor em economia da desenvolvimento pela FEA-USP

Em seu mais recente artigo para a Folha (12/1), meu colega Marcos Mendes voltou a insistir contra o BNDES, lançando uma suspensão indevida sobre a instituição. Para o tem de debate público, contos algumas de suas afirmações a seguir. Em primeiro lugar e mais grave, o uso do termo "paranóico" lança mão do glosário lavo-jatista para associar a banca a práticas apocálicas e ilegais. Escor a imaginação caixa preta do BNDES contrasta com o reconhecimento do banco, pelo TCU e pela CGU, com a instituição pública mais transparente do Brasil.

Segundo, quanto aos impactos do BNDES na economia brasileira entre 2008 e 2014, o relatório do CMAP (Conselho de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas) faz uma avaliação preliminar de custo e benefício das financiamentos do BNDES entre 2008 e 2014. O viés de seleção aparece na concentração da amostra: de um total de 266,326 empresas apoiadas pelo banco no período 2011-2015, consideram-se apenas 553 empresas grandes e médias, com capital aberto, cujas operações com o BNDES representaram 12% a 33% dos desembolsos anuais.

A revisão da literatura sobre o tema feita por Barbac et al (2023) mostra que o efeito dos desembolsos do BNDES sobre investimento, emprego e exportações é positivo e especialmente grande sobre as PME. Logo, ao minimizar o peso das micro, pequenas e médias empresas (MPME), a generalidade do estudo do CMAP fica comprometida. Ademais, a leitura cuidadosa do relatório não sustenta a conclusão subjetiva de terem sido "pífios" os resultados da atuação do BNDES. A partir de múltiplos métodos empregados pelos trabalhos analisados,

os efeitos positivos do BNDES têm importantes impactos macroeconômicos e benefícios para a sociedade, como a redução do desemprego. Sobre a "fragilidade na governança" do banco, os 42% das operações analisadas [que não se enquadraram nas normas internas do BNDES] dizem respeito a sete operações (págs. 58 e 59). É possível inferir tal fragilidade com base em uma amostra de 23 operações? Terceiro, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico (FNDIT) é um fundo privado — e não público —, o que elimina, por si só,

as restrições legais apontadas por Mendes. E, de fato, uma boa prática que um benefício fiscal seja contrapartida que sirvam ao país.

Nesse sentido, o programa Mover corretamente condiciona o benefício tributário à realização de gasto com inovação pela empresa (o valor global do programa se limita a R\$ 19 bilhões até 2028 — MP 1.255/2023).

Além disso, aqui (16/1/2023) que a criação das Letras de Crédito ao Desenvolvimento (LCD) se inspira em exemplos bem sucedidos de outros países — como é o caso do KfW, na Alemanha — para viabilizar funding mais barato para o desenvolvimento sustentável; também segue a lógica adotada para apoiar os setores agropecuário (LCA) e imobiliário (LCI) — com isenção tributária que parece não incomodar os liberais. Se o Congresso autorizar o BNDES poderá emitir neste ano R\$ 12 bilhões em LCDs, ou seja, 0,7%

do R\$ 1,4 trilhão de dívida que o Tesouro prevê rolar em 2024. Os dois instrumentos mencionados, quando somados, não chegam a R\$ 70 bilhões (em recursos privados) até 2028. Por isso, heina a paranoia imaginária que o LCD do BNDES obstará o financiamento interno da União ou que o FNDIT seja a antessala do descontrole fiscal.

Governos no mundo inteiro estão apostando em políticas públicas de industrialização. A revista The Economist (12/1/2024) admitiu ser essa a receita para enriquecer no século 21. A atuação do BNDES segue essa linha, com reconhecidas transparência e prestação de contas à sociedade.

A análise de políticas públicas requer mais racionalidade e transparência. Selecionar evidências de BNDES do passado para minar a atual agenda construtiva do banco interno um debate que pode ser frutífero.

Desta vez, pode ser diferente.

| DOM, Samuel Pessoa | S60, Marcos de Vasconcelos, Ronaldo Lemos | T16, Michael França, Cecília Machado | JOU, Cida Brito, Solange Sraur | SEX, André Roncaglia | S46, Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan



Sam Altman, presidente-executivo da OpenAI, a responsável pelo ChatGPT, durante evento no Fórum Econômico Mundial, em Davos. *Foto: AFP/Contrasto*

ChatGPT quer pagar a jornais por conteúdo, diz Sam Altman

CEO afirma que ofereceu 'muito dinheiro' ao NYT e foi surpreendido por processo

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL

Luciana Coelho

DAVOS (SUÍÇA) Sam Altman, o presidente-executivo que foi demitido e imediatamente recontratado pela OpenAI, afirmou que estava em negociação com o The New York Times e ofereceu "muito dinheiro" à publicação para usar seu conteúdo no ChatGPT quando o jornal o processou e que está disposto a remunerar devidamente os veículos de imprensa para poder exibir seus artigos e reportagens. "Queríamos pagar ao New York Times muito dinheiro para usar o conteúdo deles, mas eles não quiseram, e o processo nos surpreendeu", disse Altman em um painel batizado de "Tecnologia em um Mundo Violento" durante o encontro anual do Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça. O evento, do qual também participaram o presidente da Salesforce, Marc Benioff, o secretário do Tesouro britânico, Jeremy Hunt, e a presidente da Accenture, Julie Sweet, foi um dos poucos a lotar o auditorio principal em Davos.

Indagado pelo mediador do debate sobre o processo por violação de direitos autorais,

Altman disse que treinou o modelo de inteligência artificial do ChatGPT com o material do Times não é mais um objetivo que centrar esforços em grandes volumes de dados de uma fonte única em uma determinada área não funciona bem. "Mas gostaríamos de exibir seu conteúdo, linkar, mostrar as marcas de lugares como o New York Times, o Wall Street Journal e qualquer grande publicação para mostrar, olha, é isso o que acontece no dia, em tempo real, e gostaríamos de pagar por isso, direcionar os acessos para eles", afirmou. "É isso, mostrar a informação deles quando o usuário pergunta, não treinar o modelo de linguagem".

O Times afirma que a OpenAI estava usando seus textos em demasia para treinar o modelo de linguagem e respostas da ferramenta e que não estava compensando a publicação por isso. Segundo Altman, a OpenAI, que tem a Microsoft como principal investidor, busca novos modelos econômicos que funcionem para todos — inclusive para os donos do conteúdo — e que pretejam o futuro usar menos dados de menos fontes, mas serem capazes de interpretação dos melhor.

O painel também levantou outras questões sobre a inteligência artificial, como o risco de parte das pessoas de que uma "super-IA" fuja de controle, tal qual em livros e filmes, além da necessidade de regulação.

Altman disse que, ao comprar o GPT-3 (o mais disseminado) ao J (a versão paga e mais atualizada), é possível constatar que a ferramenta "consegue se alinhar rapidamente a um sistema de valores".

A pergunta é quem define quais serão esses valores? apontou, acrescentando que tem empatia pelo "descontentamento e nervosismo das pessoas em relação a empresas como a nossa".

Os participantes foram unânimes sobre a necessidade de regulação, mas todos advertiram que era preciso algum tempo para "não matar" a ferramenta antes de ela amadurecer, como colocou Benioff.

As "alucinações" das inteligências artificiais (quando elas inventam uma resposta sem base na realidade) também são uma preocupação. Altman advertiu: "Quanto mais perto da inteligência artificial generativa o mundo fica, mais coisas estranhas e inesperadas acontecem, mas também mais resiliência e

mais dedicação a cada questão eu espero que tenhamos". Julia Sweet ponderou que quem vai se dar bem no uso da IA são os indivíduos e empresas que não tiverem medo, mas despendem tempo suficiente para entender a tecnologia.

Ela comparou o temor das pessoas diante da IA com a reação de seus antigos chefes, quando ela começou na carreira de advogada, com os emails. "Eles diziam que não era seguro anexar arquivos dos clientes nos emails. E veja onde estamos agora", afirmou, para rios da plateia.

Executivos em Davos não sabem como tornar IA rentável

DAVOS (SUÍÇA) REUTERS Faixas brilhantes anunciaram a promessa da inteligência artificial ao longo do calçadão principal de Davos, mas os executivos reunidos no Fórum Econômico Mundial dizem que estão tendo dificuldades para desvendar como o retorno com o investimento na tecnologia.

Vários presidentes-executivos de companhias disseram a Reuters que a tecnologia atu-

al de IA generativa ainda tem muito a provar.

O presidente da empresa de segurança de sistemas de computação em nuvem Cloudflare, Matthew Prince, disse que os próximos meses podem até parecer uma "decepção de IA".

"Todo o mundo pensa: 'Sim, eu posso criar essas demonstrações legais, mas onde está o valor real?'", disse, evocando um tema entre os líderes presentes em Davos.

O rápido crescimento do ChatGPT é, de certa forma, uma exceção. Nos dois primeiros meses desde seu lançamento, em novembro de 2022, o chatbot atingiu 100 milhões de usuários, o que o torna um dos apps de crescimento mais rápidos da história.

O chatbot trouxe a chama da IA generativa para a ponta dos dedos dos consumidores, permitindo que as pessoas escrevassem num campo de busca o que queriam e obtinham um poema, uma redação escolar ou coletam informações sobre temas variados.

O produto também se mostrou um bom colaborador para o desenvolvimento de ideias em "casos de uso de baixo risco e não críticos para os negócios", disse Victor Riparbelli, presidente-executivo da startup de geração de vídeos por meio de IA Synthesia. Mas "aplicações para empresas definitivamente não estão realmente prontas" para essa IA baseada em texto, disse.

Um dos problemas citados por Riparbelli é que não há um caminho claro para acabar com as chamadas "alucinações", ou conteúdo com informações erradas gerado por IA.

Apple exclui oxímetro de smartwatches vendidos nos EUA

SAN FRANCISCO (EUA) THE NEW YORK TIMES

A Apple anunciou que começará a vender dois de seus principais smartwatches sem a medição de nível de oxigênio no sangue das pessoas.

O gigante da tecnologia excluiu o recurso apenas nos EUA a partir desta quinta (18), depois de perder um processo de quebra de patente sobre sua tecnologia de medição de oxigênio no sangue, há dois meses.

"As vendas no Brasil seguem normalmente e com esses recursos", disse a Apple em nota à Folha.

Em outubro, a Comissão de Comércio Internacional dos EUA (ITC) recomendou que a Apple parasse de vender o Apple Watch Series 9 e o Watch Ultra 2. Em vez de interromper as vendas, a empresa solicitou permissão para continuar vendendo os dispositivos após remover a tecnologia.

A partir desta quinta, as pessoas que comprarem um novo relógio nos EUA ainda verão o aplicativo Blood Oxygen da Apple nos dispositivos, disse a empresa. Mas, se eles tocarem no aplicativo, ele informará que o recurso não está mais disponível.

A mudança não afetará os smartwatches em uso.

Sheryl Sandberg deixa conselho da Meta após 12 anos

SAN FRANCISCO (EUA) FINANCIAL TIMES

Sheryl Sandberg, 54, anunciou que deixará o conselho de administração do Facebook e do Instagram em maio, após 12 anos no cargo.

Sandberg deixará o cargo de diretora de operações da Meta em julho de 2022, após 14 anos na empresa, em uma saída surpreendente que custou a Mark Zuckerberg um de seus comandados mais próximos. Ela foi uma das primeiras executivas do Facebook, ajudando o a passar de uma startup sem receita a um gigante da publicidade digital, e se tornou uma das mais influentes representantes do Vale do Silício.

A executiva disse que poderá permanecer como consultora da empresa.